

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

11

1980-1981
REVISTA DO INSTITUTO ORIENTAL
UNIVERSIDADE DE LISBOA

O EGÍPCIO, A VIAGEM E O OUTRO

Por JOSÉ NUNES CARREIRA

*Professor da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa (Instituto Oriental)*

Zusammenfassung

Autobiographien, Märchen und Erzählungen lassen die Anschauungen des Ägypters über den Ausländer als den Anderen sehen. Für die Reisenden des Alten Reiches ist der Ausländer einfach verschieden. Die Märchen und Erzählungen des Mittleren und Neuen Reiches ermöglichen einen vollständigeren Blick: der Ausländer bleibt zwar verschieden, doch auf seine Weise zivilisiert und organisiert. Am Anfang der 21. Dynastie (Wen-Amon) blickt der Andere auf den Ägypter hinunter. Er bleibt zwar korrekt und gastfreundlich dem fremden Ägypter gegenüber, betont aber selbstbewusst und stolz seine völlige politische Unabhängigkeit von Ägypten. Bindeglied zwischen Ägypten, Syrien und Zypern ist sowohl die ägyptische Sprache als auch die Wissenschaft und Weisheit, die in Byblos als ägyptisches Erbe anerkannt werden. In der Späzeit sind Reisen und Ausländer so vollständig imaginär wie der geographische Rahmen.

(Página deixada propositadamente em branco)

A geografia das narrativas de viagem serviu ainda há pouco de ponto de partida para a definição de literatura no Antigo Egipto. As autobiografias do Império Antigo opõem o Egipto urbanizado aos países estrangeiros enquanto «geograficamente diferentes». A perspectiva do Império Médio, opõe «centro» a «periferia» e faz deslocar os protagonistas (Sinuhe, Náufrago, Camponês) da periferia para o centro, com a percepção de uma fronteira. Na época dos Ramsés, esta geografia *centrípeta* passa a *centrífuga* – a acção desenvolve-se sobretudo no estrangeiro (*Príncipe Malfadado, Tomada de Jope, Viagem de Wen-Amon*). No fim da Época Baixa, a acção passa-se numa *geografia imaginária*.¹ Passando do palco geográfico para os actores, indagamos da visão e da consideração do estrangeiro pelos viajantes egípcios.

I

Duas das melhores autobiografias do Império Antigo descrevem viagens à Ásia (Unas) e África (Horkhuef) respectivamente. O Asiático é sumária e repetidamente descrito como «habitante da areia», aparentemente nómada do deserto:

*Este exército voltou em paz,
depois de ter conquistado a terra
dos habitantes da areia.
Este exército voltou em paz,
depois de ter conquistado a terra
dos habitantes da areia.*²

Mas o Asiático não era assim tão primitivo nem inteiramente nómada, se possuía «cidades fortificadas», «figueiras» e «videiras», «tropas às dezenas de milhar».³

Horkhuef conduziu com êxito três expedições à África. Fala num estilo conciso e seco das incursões «comerciais» na África profunda, frutos da orientação política de Merenré I (c. 2268-2264 a. C.). Do africano só notou a pequeníssima estatura dos pigmeus, de que trouxe um exemplar para deleite do jovem Pepi II (c. 2264-2160). O faraó fora informado de que a expedição trazia um «anão» indígena. Excitado em fantasia e expectativa, o soberano mandou logo missiva apropriada. Que rodeassem a *avis rara* do maior cuidado, não percesse o «anão» no caminho, embora não fosse o primeiro espécimen a entrar no Egito:

Disseste nesta tua carta que trouxeste um pigmeu do país dos habitantes do horizonte (a Leste) para as danças do deus, o qual é como um anão que trouxe o tesoureiro do deus Urdjededba do país de Punt, no tempo de Isési. Disseste à minha Majestade que jamais outro que antes tenha percorrido Yam trouxera alguém semelhante. Tu sabes realmente fazer o que o teu senhor ama e prefere. (...) Vem, pois, por barco à Residência imediatamente. Deixa (os outros?) e traz contigo esse anão que trazes do país dos habitantes do horizonte vivo, são e salvo, para as danças do deus e para alegrar o rei do Alto e Baixo Egito, Neferkaré, que viva eternamente. Se ele sobe contigo ao barco, coloca homens capazes que se postem à volta dele dos dois lados do barco, para evitar que caia à água. Se dorme de noite, coloca homens capazes para dormir à volta dele na cabina. Efectua um controle dez vezes por noite. A minha Majestade deseja ver este anão mais que os produtos das pedreiras de Punt. Se chegas à Residência encontrando-se esse anão contigo, vivo, são e salvo, a minha Majestade dar-te-á uma recompensa maior do que a que foi dada ao tesoureiro do deus Urdjededba no tempo de Isési, equivalente ao desejo de a minha Majestade ver esse anão.⁴

II

No Império Médio, Sinuhe fugiu apavorado para a Ásia, temendo consequências negativas do atentado que vitimou Amenemhat I. A primeira impressão do Asiático condiz com a da expedição de Unas. É nómada e deambula de terra em terra do extremo oeste do Sinai até ao interior da Síria. Logo ao passar da fronteira, foram Asiáticos que livraram Sinuhe de morrer à sede.

*Veio-me um ataque de sede, (quase) desmaiei,
minha garganta ressequida,
e pensei que isso seria o sabor da morte.*

*Ergui (de novo) meu coração e puxei por todos os membros,
quando ouvi o rumor de um rebanho e avistei asiáticos.
O seu chefe reconheceu-me ⁵,
Pois tinha estado no Egípto.
Deu-me água,
enquanto me aquecia leite.
Acompanhei-o e à sua tribo
e tudo o que eles (me) fizeram foi excelente.»⁶*

Não era necessário ser egípcio ou ir à escola para aprender a praticar *maat*. Nem esta era monopólio da ordem egípcia. Na fronteira desta ordem praticava-se a hospitalidade e a obra de misericórdia que mandava dar de beber a quem tem sede.

Misturado aos nómadas e sob a protecção deles, Sinuhe vai de terra em terra, rumando a Norte, até atingir o deserto sírio. Passado ano e meio, entra ao serviço de um chefe local, Amunenshi.⁷ O exilado responde com meias verdades à pergunta de como veio parar ali: regressava da campanha líbia, recebeu uma notícia triste, ficou perturbado e fugiu, sem saber porquê. Sobre o Egípto, só sabe que outro faraó ocupa o trono e não perde a ocasião de lhe entoar um longo hino:

*Ele é realmente um deus sem par,
nunca houve quem o superasse.
Dispõe de sabedoria, certo nos planos, eficaz nas ordens;
vai-se e vem-se a seu mando.
Foi ele que submeteu os países estrangeiros,
quando seu pai ainda estava no paço;*

...

*É um herói que actua com seu braço,
um lutador a quem ninguém se iguala.*

...

*É ele que dobra o corno e enlanguesce as mãos,
seus inimigos não conseguem ordenar as fileiras da batalha.
É ele que arrefece a coragem e racha as cabeças,
ninguém se aguenta perto dele.
É ele que avança até longe para aniquilar o fugitivo;
quem lhe volta as costas não chega à meta.
É de coração firme no momento do ataque,
um que dá a cara e não mostra as costas.*

...

*Ninguém pode afastar a sua flecha, ninguém retesar seu arco.
Os Povos do Arco fogem à sua frente,
como ante a força da serpente real.
Combate sem conhecer fim,
Não espera e nada deixa de sobra (?).*

...

*(Já) conquistou «no ovo»,
para aí está voltada sua atenção desde a nascença.
Torna a sua geração numerosa,
ele que é dado por Deus –
como se alegre este país que senhoreia!
Ele que alarga as fronteiras –
conquistará as terras do Sul,
(ainda) não pensa nas do Norte.
Foi criado para bater os Asiáticos,
para calcar os beduínos.⁸*

A conclusão era a menos apropriada para recitar a orelhas asiáticas. Mas fazia parte dos atributos «essenciais» e despejou-se (na peça) sem cuidados nem relutância.

Começa-se a ver que um tema importante da narrativa é o louvor do Egipto e do seu rei, contrapostos à rudeza da Ásia. O exilado errante não passa de actor secundário. O autor não quer propriamente descrever uma aventura, nem sequer cantar o heroísmo de Sinuhe, depois da cobardia inicial. Mostra, sim, a civilização e a ordem egípcia ao espelho de um exilado egípcio. Aliás, o grande protagonista, nem é Sinuhe, mas sim o faraó. É este que domina a amplidão da intriga – hino, carta régia com a respectiva resposta e audiência na corte perfazem dois terços da narrativa, ocupando lugares-chaves (entrada no Retenu, apogeu da carreira de exilado, conclusão feliz). É eloquente a primeira «entrada» faraónica, pela boca de Sinuhe em terra estranha.

No entanto, valia mais um Egípcio educado, mesmo em terra estranha, do que um valentão do Retenu, que «tinha subjogado todo o país» e desafiou Sinuhe para um duelo.⁹ O cortesão egípcio, delicado e franzino (imagina-se), sentiu-se «como touro no meio de manada estranha». Mas não recusou nem recuou. Cumprindo o ideal da educação egípcia, mantém a serenidade e a calma, evita as flechas do adversário, até que o gigante esgota o arsenal. É a altura de o franzino egípcio,

qual David ante Golias, atacar o brutamontes. Crava uma seta no pescoço do adversário, tira-lhe o machado das mãos e acaba de o matar.

*Soltei um grito de guerra em cima das suas costas
e todos os asiáticos rugiram.
Louvei a Montu (deus da guerra),
enquanto o seu povo o chorava em luto.
O dito senhor Amunenshi abraçou-me.
Recolhi então seus haveres e tomei seus rebanhos para mim.¹⁰*

Aí estava um sinal de que Deus elevava aos píncaros o irreflectido fugitivo que agira contra a *maat*.

Um triunfo... com travo a vinagre. O exilado tem saudades da sua terra e da sua vida de outrora na corte. E não pode deixar de soltar outro grito, não de vitória, mas de naufrago a pedir ajuda:

*Ó deus, quem quer que sejas, que determinou esta fuga,
sê misericordioso e leva-me para casa!¹¹*

Saudades compreensíveis em quem sentia os achaques da idade: «a velhice aproximou-se, a fraqueza avançou, meus olhos estão pesados, os braços lânguidos, meus pés recusam o serviço; o coração está cansado e a hora da partida próxima.» Ser enterrado fora do Egito era o maior dos horrores imagináveis.

Regressado ao Egito depois do convite formal do faraó, Sinuhe precisa urgentemente de um banho de civilização no sentido mais estrito. Na corte requintada entra o retornado, imundo como um selvagem. Nem a rainha nem as princesas, a quem servira, o reconhecem. «Aqui está Sinuhe, chegado como um asiático, como um produto dos beduínos», diz o rei a apresentá-lo. «Não é nada ele, ó Soberano, senhor nosso», contrapõem rainha e princesas. Que trabalho não vai dar para voltar a ser um egípcio reconhecível – banho, barba feita, penteado, fatos novos. «Tiraram-me uma carrada de anos do corpo... Foi devolvida a minha sordidez ao deserto, mais as vestes de beduíno». De um asiático bárbaro e semi-selvagem está feito um egípcio civilizado. Sinuhe recebe uma casa mobilada. Constrói-se-lhe um túmulo na necrópole real. Modela-se e reveste-se de ouro a sua estátua. «Estive no favor do rei até ao dia da partida», conclui a narrativa ao jeito de inscrição tumular.

O Asiático será sujo e inculto comparado ao Egípcio. Mas não lhe falta grandeza moral nem sentido da honra. Mandar embaixada ao grande rei que está sentado no trono do Egito? Nem pensar, responde

Amunenshi ao alvitre de Sinuhe: «Muito bem vai, pois, o Egípto. Mas tu estás aqui. Ficarás comigo e o que eu fizer por ti é bom». Como quem diz: que o grande «deus sem par» mande no Egípto. Aqui mando eu e basta. No deserto sírio sabe-se o que é sentido da honra e da grandeza.

Nem falta ordem política, evidentemente tribal. Sinuhe insere-se nessa ordem e prospera, como triunfaria na ordem egípcia. Casa com a filha mais velha do xeque, comanda os seus exércitos. «Muitos anos passaram», cresceram os filhos e fizeram-se homens, cada um a chefiar a sua tribo.

O Outro é diferente, mas segue a moral egípcia das obras de misericórdia, tem a sua grandeza, a sua organização política e o seu bem-estar. Um egípcio pode muito bem viver nesse mundo; não pode é morrer e ser enterrado lá. Ficaria sem a vida eterna garantida pelos ritos egípcios.

O Náufrago deixou todos os possíveis encontros com estrangeiros no limbo do esquecimento. Só lhe interessou narrar o naufrágio e a salvação miraculosa. O importante foi o encontro com um deus na ilha deserta, que outra coisa não pode ser a serpente enorme (c. 15 m de comprimento), barba de dois côvados bem medidos, corpo recamado de ouro, olhos de lápis-lazúli autêntico. O náufrago contou a sua história à serpente: regressava de uma expedição às minas do Sinai, num barco de 120 x 40 côvados e cento e vinte homens a bordo... tudo sumido na voragem da tormenta, menos ele. Que sossegasse, prosseguiu o deus solitário. Não era um deus qualquer. O náufrago, garantia a serpente, tinha sido conduzido à ilha por «Deus» e, passados quatro meses, voltaria ao Egípto, resgatado por outra expedição da pátria:

Então ele disse-me: «não temas, não temas, companheiro; não estejas pálido, agora que vieste até mim. Foi Deus que te deixou viver e conduzir a esta ilha do ka. Não lhe falta nada; está repleta de boas coisas. Nesta ilha passarás mês após mês, até teres completado quatro meses. Então virá um barco da pátria com marinheiros que conheces. Regressarás a casa com eles e morrerás na tua cidade...»¹²

Um egípcio, adepto da religião egípcia, nacional e não universal, encontra a Deus precisamente no estrangeiro. E faz um nova experiência da «proximidade de Deus», desconhecida no Império Antigo. Ao lado das clássicas experiências da proximidade de Deus no culto, no cosmos e na linguagem (mito),¹³ encontra-se agora a Deus na história. Deus conduz o náufrago até à ilha e garante-lhe o regresso a casa. Neste aspecto, o náufrago repete a experiência de Sinuhe. A novidade é que não há Outro senão Deus.

III

Dois contos de fadas e uma narrativa do Império Novo incluem viagem ao estrangeiro.

N'Os *dois irmãos*, Bata, caluniado e perseguido, exila-se no Vale do Pinheiro. Como o Náufrago, não encontra ninguém a não ser deuses, estes claramente egípcios: a Enéade, originalmente os nove deuses do clássico sistema de Heliópolis, e Khnum, o divino oleiro que modela ao torno os corpos e os respectivos *kas*. Só que aqui os deuses não estão empenhados em repetir a criação do cosmos e a inauguração da história. A Enéade preocupa-se com um «bichinho da terra tão pequeno» como Bata, solitário e desconfortado em terra alheia. A Enéade teve pena dele e criou-lhe literalmente uma mulher, modelada por Khnum ao torno de oleiro. Era «belíssima» e ele «desejou-a muito». Mais tarde viajam ao mesmo Vale emissários do faraó, encarregados de derrubar o pinheiro em cuja copa balouçava o coração da Bata. Cumprem a missão sem encontrar um único autóctone. Não há estrangeiro nem Outro. O Vale do Pinheiro é o Egito transplantado para a Ásia, com seus homens e seus deuses.

Não assim no *Príncipe Malfadado*, que arrisca a vida em favor da aventura. Farto de estar preso em palácio dourado no Egito, o príncipe faz-se a caminho e vai para o Mitanni. Passa o Nilo, embrenha-se no deserto, come do que encontra. O seu cão vai com ele. Bem agasalhado no país de acolhimento (banho e ligaduras para os pés, ração aos cavalos e pão ao criado), encontra a princesa da terra a concurso: o jovem que saltasse à sua janela, a 35 m do solo, tê-la-ia por noiva. Nenhum dos príncipes da Síria, chamados para o certame, conseguiu o almejado prémio. Logrou-o o Malfadado e casou com a princesa, filha única do rei. Ignorava a jovem esposa as sinas de morte (serpente, cão ou crocodilo) do marido. Ao sabê-lo, ficou preocupadíssima, mas nem por isso menos carinhosa. Logo que pôde, matou o primeiro animal fatídico, a serpente.

O Outro não se distingue do Egípcio no que respeita ao cumprimento da *maat*: no Mitanni o Malfadado encontra a hospitalidade recomendada pela ética da sua terra. Tanto ele como o criado e até os cavalos são convenientemente tratados. A princesa mitanniana supera em muito a moralidade das mulheres dos outros contos egípcios. Só se lhe conhece o carinho pelo marido. Quão diferente é da cunhada de Bata, lasciva, potencialmente adúltera, caluniadora e vingativa, da sensual D. Desejos (o nome diz tudo) de *Verdade e Mentira*, ou da esposa de Bata, prenda dos deuses (!), que por três vezes o quer matar. No pano de fundo das relações e alianças matrimoniais entre o Egito e o

Mitanni, quem sabe se não ecoam recordações positivas das princesas vindas da Alta Mesopotâmia para o harém real, uma das quais se imporia como rainha principal e passaria à história como «A Bela chegou» (Nefertiti).

Termino com a *Viagem de Wen-Amon*, rica de aventura e peripécias no estrangeiro. Três palcos (Dor, Biblos e Chipre) e outros tantos actores principais contracenando com o egípcio.

O empregado do templo da Karnak, bolsa fracamente provida, vai ao Líbano comprar madeira para a barca processional de Amon. Faz-se ao «grande mar da Síria» e escala Dor, cidade dos Tjekker, a sul do Carmelo. O príncipe local abastece-o de víveres («cinquenta pães, uma jarra de vinho e uma perna de vaca»). O azar foi roubarem-lhe os magros cabedais no barco ancorado. Começavam os imprevistos e os duelos verbais. Que o príncipe de Dor lhe restitua os bens roubados. Mas este argumenta:

«Falas a sério ou estás a mangar? Pois eu não conheço o assunto de que me contaste. Se o ladrão pertencesse ao meu país, tivesse entrado no teu barco e roubado a tua prata, então haveria de a restituir dos meus cofres, até se encontrar o ladrão, como quer que se chamasse. Mas o ladrão que roubou é dos teus, ao teu barco é que pertence. Fica aqui comigo alguns dias, para eu o procurar.»¹⁴

O Egípcio ficou e a prata não apareceu. As lacunas não permitem saber o desfecho. Contra eventuais sugestões a ficar mais tempo em Dor, Wen-Amon viaja para Tiro e Biblos, «acha» trinta e um *deben*¹⁵ de prata num barco dos Tjekker e embolsa-os, a título de compensação pelos bens roubados em Dor. Voltamos a encontrá-lo já instalado numa tenda, no porto de Biblos. Esconde a imagem de «Amon do caminho» numa gruta e recebe ordem de despejo, não da tenda, mas do porto.

O príncipe de Biblos enviou-me esta mensagem: «Desaparece do meu porto!» Mandei-lhe então dizer: «Para onde é que eu hei-de ir?... Se tiveres um barco pronto para mim, põe-me de novo no Egipto!» Fiquei vinte e nove dias no seu porto e ele passou o tempo a mandar-me diariamente o recado: «Desaparece do meu porto!»¹⁶

Só uma intervenção do Alto salvaria o viajante, de mãos a abanar em terra alheia. Durante uma cerimónia aos seus deuses, o príncipe de Biblos é intimado por um rapaz em êxtase a atender o enviado de Amon. Precisamente nesse momento, Wen-Amon encontra um barco de saída para o Egipto. Carrega os trastes que tem à mão e espera pela

escuridão da noite para embarcar a imagem de Amon «sem que nenhum olho a veja». Recebe então a contra-ordem do capitão do porto. Mais um duelo verbal:

«O príncipe diz: fica até amanhã.» Eu repliquei-lhe: «Não és tu que todos os dias me mandavas recado – “Desaparece do meu porto?” E não dizes agora “fica esta noite”, para deixar partir o barco que achei e de novo voltar e dizer: Desaparece!?»¹⁷

Príncipe informado da discussão no porto e ordem determinante ao capitão do barco: «Fica até amanhã!» Ao outro dia, Wen-Amon é chamado ao paço para o derradeiro duelo verbal – audiência deliciosa em que a arrogância do hospedeiro embate com fanfarronadas do viajante, saudoso das glórias do Egito como potência colonial.

«Olha lá, és sincero? Onde estão as credenciais de Amon, que (deviam) estar na tua mão? Onde está a carta do sumo sacerdote de Amon, que (devia) estar na tua mão?» Respondi-lhe então: «Dei-os a Smendes e a Tentamon.» Ele ficou muito indignado e disse-me: «Olha, pois, credencial e carta não tens contigo – onde está o barco para a madeira de pinho, que Smendes te confiou? Onde está a sua tripulação síria? Não te entregou ele a esse capitão estrangeiro para te matar e te lançar ao mar? Junto de quem teriam procurado o deus? E junto de quem te teriam procurado a ti?»¹⁸

Barco que navega às ordens do Egito só pode ser egípcio, contrapõe Wen-Amon. E o interrogatório continua:

«Com que incumbência vieste?» Ao que eu: «Vim por causa da madeira para fazer a grande e gloriosa barca cultural de Amon-Ré, rei dos deuses. O que te pai fez, o que teu avô fez, também o farás tu». Assim lhe disse. E ele: «É verdade que eles o fizeram; e se me deres alguma coisa por isso, também eu o farei. Verdadeiramente, os meus satisfizeram a encomenda depois de o faraó ter enviado seis barcos carregados com as riquezas do Egito, que eles descarregaram nos seus armazéns. Mas tu, que é que trouxeste?»¹⁹

Para convencer de vez o egípcio, o príncipe manda vir os anais dos antepassados e lê as contas ao forasteiro: mil *deben* (138 kg) de prata por madeira. Não eram «presente régio», mas o preço da mercadoria. «Quanto a mim, não sou teu criado, nem sou criado de quem te enviou». Queria agora levá-la de graça? Que o Líbano deva muito ao Egito em teologia de Amon, sabedoria e ciência é uma coisa. Que seja contribuinte líquido, outra, bem diferente.

Ora, por muito poderoso que fosse Amon nos domínios da criação e da história, tinha visíveis limites em questões de economia. Sem contrapartida financeira, acabou Wen-Amon por entender, não tinha madeira. Magnânimo, o príncipe manda um primeiro carregamento, com uma carta e mensageiro próprios. Barco e mensageiro regressaram com mercadoria. O príncipe pode agora mobilizar trezentos homens e outros tantos bois para cortar as árvores. Passado o Inverno, trazem-nas para a costa. O príncipe vem inspeccioná-las e chama Wen-Amon. O egípcio vai ter com ele e, à sombra do seu guarda-sol, entabula novo diálogo, presenciado pelo patrício Penamon.²⁰ A mercadoria não chegava para metade da encomenda. Mas «dá-se» a madeira desejada. Que Wen-Amon a carregue e se vá embora, sem temer «a braveza do mar, pois se olhas para a braveza do mar, terás que ver também a minha. Em verdade, não te fiz o que fizeram aos enviados de Khaemwesep, depois de terem passado dezassete anos neste país.»

Para que não restassem dúvidas, o príncipe diz a um servo que mostre os túmulos dos dois mensageiros egípcios há tempos enviados ao Líbano. Wen-Amon apressa-se a atalhar: «Não mo faças ver. Eram simples homens. Eu sou um enviado de Amon». O melhor era o príncipe mandar erigir uma estela a Amon (dita-lhe o texto), dizendo como satisfizera a sua encomenda e esperava em troco mais cinquenta anos de vida do que o previsto. Alvitre polidamente declinado: «Bom conselho que me deste!»

De volta ao sítio dos troncos, Wen-Amon vê chegar onze barcos dos Tjeker, vindos no seu encalce. Tinham ordem de fazer bloqueio a qualquer barco que navegasse para o Egípto. É o momento mais triste da viagem.

Então sentei-me a chorar. O secretário do príncipe veio até mim e perguntou-me: «Que tens?» Eu disse-lhe: «Não vês as aves migratórias que (já) pela segunda vez voam para o Egípto? Olha-as, como vão para a catarata do Nilo – e até quando tenho eu de ficar aqui?! Não vês como eles vêm para me tornar a prender?»²¹

Mais uma vez o príncipe mostrou compreensão e bondade. «Mandou o secretário ir ter comigo e levar-me duas jarras de vinho e um borrego. Mandou ainda buscar para mim Tentnut, uma cantora egípcia, e ela recebeu esta incumbência: “Canta para ele e não o deixes estar melancólico!” A mim, mandou-me dizer: “Come e bebe e não estejas triste! Amanhã ouvirás tudo o que te tenho a dizer-te.”»

Recebidos em audiência, os piratas confessam ao príncipe que vêm atrás dos barcos que navegam de Biblos para o Egípto com os

seus inimigos. Têm de ser destruídos. Não podem é prender um mensageiro de Amon, objecta o príncipe. Deixem-me mandá-lo embora e em mar alto persigam-no e prendam-no como entenderem. No meu porto é que não (entende-se). Entregue às feras sem o saber, Wen-Amon salvou-se graças à tempestade que desbaratou a esquadra dos perseguidores e arrastou o seu barco até Chipre.

Para cair noutra tormenta – a da multidão em fúria que o queria linchar. O forasteiro escapou a custo, abrindo caminho até ao sítio onde estava Hatiba, a princesa, que ia de uma das suas casas para outra. Saudou-a e clamou na língua pátria, qual naufrago mal refeito da tragédia: «Não há ninguém que entenda egípcio?» Havia. Wen-mon observa que Chipre por certo não quererá passar por terra violenta, pronta a matar quem escapara dos piratas do mar. E ele era enviado de Amon, haviam de procurá-lo até ao fim do mundo e dos tempos. A princesa «mandou clamar ao povo e censurou-o. Então disse-me: “vai dormir”».

A história termina aqui abruptamente, pois falta o resto do manuscrito. Wen-Amon deve ter regressado a casa são e salvo.

Os interlocutores estrangeiros de Wen-Amon são todos de grande estatura moral. Justos sem deixar de ser magnânimos, bondosos a ponto de partilhar a tristeza de Wen-Amon até às lágrimas (príncipe de Biblos). Os príncipes da Síria estão conscientes da sua independência política face à antiga potência colonial moribunda. Já lá vai o tempo em que um egípcio roubado na Síria tinha restituição automática da autoridade local (Dor)! Madeira do Líbano só a troco de mercadoria (Biblos). O Egito da XXI dinastia é uma sombra do que foi o bilhante Império Novo. Nem tudo tinha passado à história. Ficara a sabedoria, a teologia de Amon, o sentido da justiça e equidade, a língua (Chipre), em que já Sinuhe se tinha entendido com beduínos que cruzavam a fronteira e na corte de Amunenshi. Alguma razão tinha Wen-Amon para as fanfarro-nadas de Biblos. O Outro é senhor da sua terra e da sua vontade, capaz de altercar com o egípcio mais culto. Mas deve muito do que tem ao Egito, mesmo humilhado e suplicante.

IV

A literatura de viagens da Época Baixa não só decorre num palco geográfico imaginário como põe em acção estrangeiros imaginários.

A *Estela de Bentresh*²², descrevendo a viagem de um deus egípcio ao país imaginário de Bakhtan (talvez fusão de Hatti, na Anatólia, com Bactriana, no Irão) pertence ao género literário do conto. Ramsés

II encontrava-se no Mitanni, recebendo a vassalagem dos príncipes estrangeiros:

Quando Sua Majestade estava em Naharina²³, como era seu costume anual, vieram os príncipes de todos os países estrangeiros, curvando-se em paz ao poder de Sua Majestade, de tão longe como os mais longínquos países pantanosos. Seus presentes deram ouro, prata, lápis-lazúli, turquesa e todo o género de plantas de deus. O príncipe de Bakhtan vem também com os seus presentes e colocou à frente deles a sua filha mais velha, adorando Sua Majestade e pedindo-lhe vida. A mulher agradou grandemente e para além de qualquer outra coisa ao coração de Sua Majestade. Deste modo, foi estabelecida a sua titulação como Grande Esposa real Neferuré. Quando Sua Majestade regressou ao Egipto, ela fez tudo o que uma rainha faz.»²⁴

Regressados ao Egipto, a nova rainha recebe mensageiros da sua pátria com presentes e um pedido urgente: Bentresh, a irmã mais nova da rainha, está gravemente enferma. Que o rei do Egipto mande um especialista competente para a curar. O faraó convoca o pessoal da Casa de Vida e o conselho do paço, enviando o escriba real Thothemheb a Bakhtan.

O escriba chegou ao destino e fez rapidamente o diagnóstico, possessão diabólica, porém, de «um inimigo contra o qual se pode combater», isto é, passível de exorcismo e expulsão. O príncipe de Bakhtan é que quis jogar pelo seguro. Mandou nova embaixada ao Egipto, pedindo o envio de um deus para lutar contra o espírito. Consultado Khonsu-em-Tebas-Neferhotep (a mais forte manifestação do deus), decide-se enviar Khonsu-Providente, a estátua da invocação mais apropriada a expulsar «doença de demónio». Decisão aprovada, o deus vai para Bakhtan com todo o aviamento para a viagem fluvial e terrestre – «grande barco com cinco botes e um carro e muitos cavalos do Oriente e Ocidente» – mais protecção mágica em quadruplicado.

Passado um ano e cinco meses, a comitiva chega a Bakhtan. Recebido com honras civis e militares, Khonsu-Providente entra no aposento onde estava Bentresh, invoca a protecção mágica para a princesa e esta «fica bem no mesmo instante».

Missão cumprida, o príncipe matuta nas vantagens de ter aquela estátua milagrosa em Bakhtan.

«Farei com que o deus fique aqui em Bakhtan. Não o vou deixar ir para o Egipto.» Assim o deus passou três anos e nove meses em Bakhtan. Então, quando o príncipe de Bakhtan estava no seu leito, viu o

deus sair do seu santuário como um falcão de ouro e voar para o céu em direcção ao Egípto. Acordou aterrorizado e disse aos sacerdotes de Khonsu-Providente-em-Tebas: «O deus está ainda aqui connosco. Deve ir para Tebas! O seu carro deve ir para o Egípto!» Então o príncipe de Bakhtan deixou o deus viajar para o Egípto, dando-lhe muitos presentes de toda a coisa boa e numerosíssimos soldados e cavalos.

A estátua milagrosa regressa a Tebas e entrega de todos os presentes a Khonsu-em-Tebas-Neferhotep, não ficando nenhum no santuário do deus viajante.

Quem eram os príncipes e como reagiam à submissão não se diz nem interessa ao conto. Só a deslocação imaginária de Ramsés II, que nunca esteve no Mitanni (Naharina para os Egípcios), um país que nunca foi vassalo, mas apenas aliado no confronto com os Hititas, vassalagem imaginária de «todos os príncipes». De Bakhtan só interessa a princesa por quem o faraó se apaixona e o reconhecimento da superioridade do deus egípcio. Na efabulação do casamento de Ramsés II com uma princesa hitita, o Outro reduz-se a súbdito baço e padronizado do rei egípcio.

Em *Egípcios e Amazonas*²⁵, um episódio do Ciclo do rei Petubastis (XXIII dinastia, c. 817-763?), conta-se a façanha do príncipe Pedikhons e o seu duelo com a rainha do imaginário «país das mulheres», localizado no país de Khor (Síria-Assíria).

Serpot, a rainha do país da mulheres, estava sentada - - - na sua tenda, [com os chefes] do país das mulheres postados à sua esquerda e à sua direita. Ergueu a face e contemplou as suas tropas, que não eram numerosas, sendo - - - a fortaleza do país das mulheres. Disse ela: Ó Ísis, minha [senhora], grande deusa, e Osíris, grande deus, ajudai-me! Não vedes, como eu, o exército que acampou (...).

Era o príncipe Pedikhons, chegado à região das Amazonas. Após conselho de guerra e missão de espionagem ao intruso, Serpot decide atacar e inflige derrota pesada às tropas inimigas, egípcias e assírias. O príncipe Pedikhons observou a batalha, sem tomar parte nela. À noite, comunica às sua tropas que no dia seguinte irá enfrentar a rainha Serpot em duelo. Ao outro dia, após maldições e insultos mútuos, combatem os dois encarniadamente do nascer ao pôr do sol. Sem vencedor nem vencido. Combinam então um armistício, não sem a rainha das Amazonas ter lançado a pergunta: «Meu irmão Pedikhons, por que razão vieste aqui, às regiões do país das mulheres?» O diálogo, muito

mal preservado, torna-se cada vez mais amistoso e termina da melhor maneira:

[Logo que Serpot, a rainha do país das mulheres, o olhou,] não sabia em que parte da terra [estava, devido ao] grande amor que entrara [nela]. - - - [Logo que] o próprio príncipe [Pedikhons] a [olhou, não sabia] em que parte da terra estava - - - - [Ele disse]-lhe: minha irmã Serpot - - - -

Os combates e o duelo da guerra das Amazonas denunciam a influência de Homero (conflitos humanos decididos por deuses), antecédidos da descrição das armas e de invectivas como na *Ilíada*. Não admira, pois o grande épico helénico tinha entrado na escola egípcia do 1º milénio pré-cristão. De resto, só a visão imaginária de um Outro imaginário.

*
* *
*

Na literatura de viagens do antigo Egipto, o Outro é simplesmente diferente (Império Antigo), diferente e dotado de cultura e organização próprias (Império Médio), altivo e magnânimo, organizado e próspero, e sobretudo politicamente independente do Egipto (fins do Império Novo/3º Intermediário), completamente imaginário na Época Baixa. Há heroínas da estatura moral de uma egípcia (princesa de Chipre) e até superiores em dignidade (princesa do Mitanni). Algo ficara da grandeza egípcia na Ásia – ciência, sabedoria e a língua. A língua egípcia foi veículo de comunicação na Síria (Sinai, Retenu, Dor e Biblos) e em Chipre por todo o 2º milénio a. C. Na Época Baixa o Outro é tão imaginário como a geografia de Bakhtan e do país das Amazonas.

Notas

¹ A. LOPRIENO, «Toward a Geography of Egyptian Literature», *CADMO* 10 (2000) 45-52; todo o artigo pp. 41-56.

² A. ROCCATTI, *La littérature historique sous l'Ancien Empire* (LAPO 11), Paris 1982, p. 194.

³ *Ibidem*.

⁴ *Ibid.*, pp. 206-207.

⁵ Talvez dê mais sentido a versão de W. K. Simpson: «entendeu-me», a saber, na língua egípcia.

- ⁶ Da versão de E. HORNUNG, *Altägyptische Dichtung*, Reclam, Stuttgart 1996, p. 30.
- ⁷ Continua controversa a transliteração deste nome semítico (amorita?).
- ⁸ E. HORNUNG, *Dichtung*, pp. 32-33.
- ⁹ Cf. H. GOEDICKE, «Sinuhe's Duel», *JARCE* 21 (1984) 197-201.
- ¹⁰ E. HORNUNG, *Dichtung*, pp. 36-37.
- ¹¹ *Ibid.*, p. 37.
- ¹² Da versão de M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature. A Book of Readings*, I, Berkeley/Los Angeles/London 1975, p. 213.
- ¹³ J. ASSMANN, *Ägypten. Theologie und Frömmigkeit einer frühen Hochkultur*, Stuttgart ²1991, pp. 25-134.
- ¹⁴ E. HORNUNG, *Dichtung*, p. 49. Tradução integral *ibid.*, pp. 48-55; M. LICHTHEIM, *Literature*, II, 1976, pp. 224-230.
- ¹⁵ Medida de peso, c. 13,8 g.
- ¹⁶ E. HORNUNG, *Dichtung*, p. 49.
- ¹⁷ *Ibid.*, p. 50.
- ¹⁸ *Ibidem*.
- ¹⁹ *Ibid.*, p. 51.
- ²⁰ Provavelmente ao serviço do príncipe de Biblos.
- ²¹ E. HORNUNG, *Dichtung*, p. 54.
- ²² Bloco de arenito (2,22x1,09 m), encontrado em 1829 num templo ptolemaico, perto do santuário de Khonsu de Ramsés III, em Karnak, levado em 1844 para Paris. Inscrito numa estela de Ramsés II, o conto, da época persa ou ptolemaica, tinha certamente fim propagandístico. Versão e notas, C. M. Lichtheim, *Literature*, III, AEL, III, 1980, pp. 90-94.
- ²³ Naharina era o nome egípcio do Mitanni; a estadia anual de Ramsés II, que nunca pisou esse país, é pura ficção.
- ²⁴ AEL III, 91.
- ²⁵ Tradução: M. LICHTHEIM, AEL, III, 1980, 151-156.